

EDUCAÇÃO AMBIENTAL A DISTÂNCIA: NARRATIVAS CONSTITUTIVAS DE EDUCADORES

DA SILVA COUSIN, C. (1) y GALIAZZI, M. (2)

(1) Instituto de Educação. Universidade Federal do Rio Grande claudia_cousin@yahoo.com.br

(2) Universidade Federal do Rio Grande. mcgialazzi@yahoo.com.br

Resumen

Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa de doutoramento na Universidade Federal do Rio Grande que busca analisar a constituição dos educadores ambientais participantes do curso de Pós-graduação em Educação Ambiental *Lato Sensu* na modalidade a distância. Aposta na contribuição da pesquisa narrativa em processos formativos de educação continuada. Utilizou-se a Análise Textual Discursiva como metodologia de análise. As narrativas foram produzidas nos dois primeiros módulos do curso, intituladas “Eu e a Educação Ambiental” e; “O município que temos e o município que queremos”. Após a análise, construiu-se uma narrativa ficcional para problematizar e discutir as categorias: concepção de educação ambiental, formação continuada e pertencimento.

Objetivos

Na pesquisa, analisam-se o processo de constituição dos educadores ambientais do cordão litorâneo do Rio Grande do Sul, participantes do curso de Educação Ambiental *Lato Sensu* a distância, utilizando-se de narrativas.

Marco teórico

Aposta-se na pesquisa narrativa como uma metodologia formativa em processos de educação continuada. O exercício narrativo possibilita um caminhar para si que é formativo, tanto para o sujeito que narra, quanto para quem lê. Ao narrar-se o sujeito reflete, se inventa e amplia a compreensão sobre o contexto a qual pertence, pois estabelece relações e complexifica a interpretação da realidade. Acontece assim, um processo formativo intenso. Em especial porque os alunos do curso pertencem à mesma biorregião e, em interação, este processo formativo potencializa-se.

Argumenta-se que a pesquisa narrativa abre possibilidades de análise não só de processos formativos individuais, mas como afirma Nóvoa (2001) as histórias de vida são fundamentais para compreender o processo da formação e da profissão, uma vez que eles revelam elementos para a elaboração de novas práticas educativas.

Para Clandinin e Connelly (2000) a vida é constituída de fragmentos narrativos, encenados em momentos historiados no tempo e no espaço, que podem ser entendidos em termos de unidades narrativas. Dentro dessa visão, a experiência das pessoas se torna o ponto chave no desenvolvimento de estudo na pesquisa narrativa. Nessa perspectiva, o objeto de estudo é sempre a experiência, estudada de forma narrativa porque o pensamento narrativo é uma forma de experiência, de escrever e refletir sobre ela. Ou seja, a narrativa pode ser o fenômeno e também o método pelo qual esse fenômeno é estudado.

Metodologia

A pesquisa está sendo desenvolvida no curso de Educação Ambiental *Lato Sensu* a distância cujo objetivo foi oportunizar a formação continuada de educadores e gestores ambientais voltada para a temática da Educação Ambiental, utilizando tecnologias da comunicação e informação. Foi oferecido para cinco municípios: Santa Vitória do Palmar, São Lourenço do Sul, Santo Antônio da Patrulha, Mostardas e São José do Norte, com 60 vagas (12 para cada município).

Realizou-se um exercício de análise utilizando narrativas que foram produzidas pelos alunos. No módulo I, narrativas intituladas “Eu e a Educação Ambiental”, sendo necessário narrar o seu encontro com a Educação Ambiental. No módulo II, narrativas intituladas “O município que temos e o município que queremos”. Ao produzir as narrativas, os alunos narraram sua compreensão sobre Educação Ambiental e sobre o município ao qual pertencem. Estas ficaram disponíveis no ambiente virtual (Plataforma *Moodle*) para que todos pudessem realizar a leitura e, foi elaborado um fórum de discussão, com a participação dos alunos, professores e tutores a distância.

A escolha de trabalhar com narrativas ocorreu por considerar-se que, com a escrita destas, tornar-se-ia possível construir um cenário que problematizasse o olhar construído pelos alunos até o ingresso no curso, mostrando desta forma, a compreensão de Educação Ambiental e também, do espaço que pertencem.

A análise das narrativas realizou-se através da Análise Textual Discursiva (Moraes e Galiuzzi, 2007) onde fez-se a desmontagem das narrativas - a unitarização. Posteriormente, a codificação e atribuiu-se títulos para cada unidade, ou seja, a construção de unidades de significados. Após, a categorização onde aglutinou-se as unidades de significados oriundas da unitarização. Esse exercício apontou para as seguintes categorias: a concepção de Educação Ambiental, a importância da formação continuada e, o pertencimento. As categorias emergentes são problematizadas neste trabalho na forma de uma narrativa ficcional.

O pôr do Sol na Lagoa dos Patos

Fim de tarde ensolarado, a brisa soprava lentamente. Flávio observava da janela o movimento na orla da Lagoa dos Patos. Pessoas, carros e bicicletas circulando, marcando o início da temporada de verão no balneário de São Lourenço do Sul.

Flávio estava lendo, porém, resolveu sair para caminhar. Sentiu vontade de juntar-se a multidão de pessoas, de conversar, ver o pôr do sol e o movimento das ondas, também caras novas, pois no verão, a Pérola da Lagoa fica “cheia” de turistas. Porém, sabia que precisava concluir a leitura. Mas, não resistiu, abandonou-a, largou o livro sobre a mesa e preparou-se para sair.

Começou a caminhar lentamente. Observava as pessoas conversando, crianças brincando na areia, as rodas de chimarrão, músicas que estavam tocando nos rádios de alguns carros. Tudo chamava sua atenção. Logo em seguida, encontrou Helena, sua colega do curso de Educação Ambiental.

Helena é natural de Mostardas e está em férias em São Lourenço do Sul. Flávio e Helena são professores, ele de Ciências e ela de Geografia. Por residirem em municípios que não possuem ensino universitário, fazem a Pós-graduação a distância, uma modalidade de ensino capaz de suprir esta lacuna e promover a formação continuada.

Sentaram-se às margens da Lagoa dos Patos e começaram a conversar sobre o curso. Recordaram as atividades desenvolvidas, as dificuldades encontradas e o que aprenderam. Falaram sobre a apropriação digital, a adaptação à modalidade de ensino, as primeiras leituras, os exercícios de escrita, a relação com o tutor, etc.

Helena contou para Flávio que trabalha com Educação Ambiental na escola e que a princípio, achava que meio ambiente era simplesmente a natureza.

- É Flávio, com o passar do tempo, comecei a ver as questões ambientais como um compromisso social. Entendi que este não está apenas em preservar espécies ou evitar a poluição do ar; e sim, com a qualidade de vida do ser humano.

- Para mim Flávio, a Educação Ambiental deve tratar também das desigualdades sociais, pois estas geram grandes impactos sobre a humanidade e conseqüentemente sobre o ambiente.

Neste momento, Flávio tirou os óculos de sol e permaneceu atento a Helena. Ouvindo a colega falar sobre valores de igualdade, de respeito à diversidade de culturas, da valorização dos modos de vida das

comunidades locais, e ponderar que esses aspectos devem permear o conceito de Educação Ambiental, porque é importante problematizar que existem formas de viver, cuja base não é o consumo desenfreado, a exploração dos recursos naturais e o lucro.

Após ouvir atentamente a colega, contou sua experiência com Educação Ambiental, e sobre o trabalho que desenvolve em duas escolas.

- Sabes que trabalho em escolas com realidades diferentes, pois uma está no meio urbano e outra, no rural; embora o rural esteja cada vez mais parecido com o urbano.

- Sabes, ao longo dos anos, percebi que os alunos não conhecem o lugar onde moram, e por isso, resolvi discutir na sala de aula os problemas ambientais do município.

Helena constatou: Flávio tem o hábito de começar as frases afirmando que a gente sabe. O que raramente é verdade.

Flávio considerava apenas o lixo, o assoreamento dos rios, a pesca predatória, o desmatamento como problemas ambientais; diferente de Helena. Começou a trabalhar com a problemática socioambiental recentemente. Disse ainda:

- Hoje, compreendo que é importante realizar a discussão do local para compreensão do global. Comecei a construir essa visão quando ingressei no curso.

- Sabes que para isto, precisei estudar e compreender melhor o município! E, só percebi essa lacuna quando tive que escrever a narrativa sobre “O município que temos e o município que queremos”.

A noite começou a cair e eles estavam envolvidos pela conversa. Helena começou a sentir a brisa fria da lagoa.

Flávio, gentilmente percebendo que Helena estava com frio, ofereceu o casaco.

- Tome! Pegue o meu casaco.

Helena aceitou, saíram caminhando pela orla e Flávio a convidou para continuar esta conversa em um outro fim de tarde. Helena, cordialmente aceitou o convite.

- Espere! E o teu casaco? Disse ela.

- Devolva-me outro dia. Fica como garantia da próxima tarde.

Conclusão

Neste trabalho argumenta-se que a pesquisa narrativa possibilita um caminhar para si que é formativo, pois exige um movimento recursivo que mostra as aprendizagens construídas e ajuda a problematizá-las e ressignificá-las. A importância da formação continuada como um espaço de diálogo interativo, de partilha, de tramas que ajudam a compreender a ação docente. E, entende-se que é possível, com narrativas ficcionais socializar as aprendizagens construídas, sendo esse exercício narrativo formativo também a todos os interlocutores do texto.

Referências

CLANDININ, J. D.; CONNELLY, M. (2000) Narrative Inquiry. São Francisco: Jossey-Bass Publishers.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. (2005) Análise Textual Discursiva. Ijuí: Unijuí.

NÓVOA, A. (2000) Prefácio. In: ABRAHÃO, M. H. M. B (org.). História e histórias de vida: educadores fazem à história da educação rio-grandense. Porto Alegre: EDIPUCRS.

CITACIÓN

DA SILVA, C. y GALIAZZI, M. (2009). Educação ambiental a distância: narrativas constitutivas de educadores. *Enseñanza de las Ciencias*, Número Extra VIII Congreso Internacional sobre Investigación en Didáctica de las Ciencias, Barcelona, pp. 1972-1976
<http://ensciencias.uab.es/congreso09/numeroextra/art-1972-1976.pdf>